

Ontologia do Habitar

Wellington Amâncio da Silva

Da Universidade Federal de Alagoas
Maceió – Alagoas – Brasil
welliamancio@hotmail.com

Feliciano José Borralho de Mira

Da Universidade do Estado da Bahia
Salvador – Bahia – Brasil
felicianomira@hotmail.com

Resumo: Foram analisados aqui alguns dos sentidos do habitar (*Oikéō*) a partir da Ontologia. Dentro das possibilidades de alcance de um artigo, apresentaram-se aqui algumas considerações sobre os sentidos da casa (*oikos*). A partir de breve apresentação das matrizes ontológicas da Natureza, respectivamente no logos da Tradição Filosófica, foram desenvolvidas interpretações sobre o sentido de lugar de habitar.

Palavras-chave: Ecologia Humana. Hermenêutica do Lugar. Ontologia do Habitar.

Introdução

*A força do lugar é extraordinária.
(Aristóteles, FÍSICA)*

Tradicionalmente a ontologia designa o estudo dos sentidos da existência em geral. Ontologia¹ trata da *Natureza* em si mesma, como existência e entidade, e por derivação, da Natureza da realidade, da Natureza da existência, da Natureza dos seres – a considerar que os seres são entidades naturais, são eles a própria Natureza.

A ontologia foi conceituada por Aristóteles como aquilo que trata do *ser enquanto ser*². Como linguagem humana, expressão desta linguagem e teoria geral do ser – tendo a hermenêutica como sua expressão maior –, é o meio pelo qual se faz tal análise, portanto, a ontologia é a um só tempo, interpretação, representação e discurso acerca dos seres, através da linguagem. Visa, por exemplo, o conhecimento da *Natureza* do ser

¹ Segundo Mautner (2011), a “ontologia” foi introduzida no final do século XVII para evitar algumas ambigüidades da “metafísica”. MAUTNER, Thomas. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Edições 70, p. 543.

² ARISTÓTELES. *Metafísica*, Γ I, 1003 -21

humano, considerando seus aspectos biofisiológicos, sociais, culturais e espirituais; humano enquanto Natureza *incomum*, em face dos seres em geral, apresentando-se em sua individualidade e em sua generalidade. Por sua vez, e especificamente, a *ontologia do habitar* objetiva compreender o caráter situacional do ser, isto é, das condições e possibilidades locacionais do ser num *tópos*, em seus muitos aspectos - visto que esse não se depreende dos espaços (fáticos ou imagéticos, natural ou cultural); *ontologia do habitar* busca ao menos: a) entender o caráter do ser a partir do habitar; b) as formas de habitar como projeto de ser; c) entender o caráter do habitar a partir do ser. Deste modo, designa-se também como o estudo da *existência situada*³, considerando-a como possibilidades de intercâmbio de sentidos para si, nas interações com o meio ambiente (DA SILVA, 2014d, 10-16). Nossa hipótese mais forte afirma que o ser enquanto ser é melhor compreendido de uma perspectiva situacional, visto estar implicado ontologicamente ao lugar – talvez esta questão não tenha sido ainda colocada⁴. Portanto, *ser* e *estar* são questões inseparáveis em face de uma reflexão ontológica⁵.

O entendimento do ser perpassa à interpretação do seu entorno. Existem condições de um novo e profundo desenvolvimento conceitual da Ontologia a partir da inclusão do meio ambiente como paradigma ôntico e ontológico, isto é possível partindo do estudo do *ser interconecto* às diversas dimensões da existência situada na Natureza. Com efeito, mesmo sendo tratada por Parmênides, Platão⁶ e Aristóteles⁷, desde os pré-socráticos, já se discutia uma ontologia a partir da divindade *Gaea* (Terra),

³Da compreensão ontológica do ser no seu lugar existencial, do Dasein, como a própria *existência situada*, veja: DA SILVA, Wellington Amâncio. *Aspectos da existência situada em Heidegger*. Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v.3, n.1, 2014b. p.73-75

⁴ As categorias tempo e espaço permitem à ontologia uma aproximação mais realística do ser, permitindo-lhe a dimensão da historicidade. "O ser se diz em múltiplos sentidos, mas sempre em referência a uma unidade e a uma realidade determinada." (*Το ἰέον λέγεται μὲν πολλαχῶς, ἀλλὰ πρὸς ἓν χαι μίαν τινά φύσιν*). ARISTÓTELES. *Metafísica*, Γ I, 1003 - 32-33

⁵ SER: autoconceituação de existência (*ek-sistência*); ESTAR: autoconceituação de existência num lugar; HABITAR: autoconceituação de existência num lugar de pertença, identitário, constituído pelo ser.

⁶ Para esse filósofo - no diálogo de Timeo -, sua percepção de ordem na natureza, constituiu-se em um mundo (cosmo) dados pelas mãos de um Demiurgo artesão. Portanto, por assim dizer, as formas como o mundo se mostra (*anima mundi*) e como o compreendemos no Ocidente, são representações artísticas, isto é, subjetivas em sua idealização e concepção. Em Timeo, sua ontologia é constituída sobre uma tríade: natureza, acaso e arte. A natureza é, por assim dizer, o *tópos* onde a arte constituiria a cultura humana e o acaso seu oposto.

⁷ Aristóteles concebe *oikos* como espaço comunitário e doméstico, mas com certa oposição ao conceito de *polis* como lugar do político. *Oikos*, como lugar privado onde das realizações da necessidade. Sobre lugar privado, podemos arriscar uma comparação com a natureza de Heródoto, como *aquilo que se esconde*. (10, §34f).

correspondente também ao Lar, ao Lugar, à região, ao habitar, etc. *Oikos* (οἶκος) é a expressão ontológica do habitar *Gaea*⁸ para além da sua dimensão de divinização mítica⁹.

Oikos devolve a *Gaia* os sentidos de casa, de habitação, bem como das condições e possibilidades de manter o carácter situacional do ser humano, isto é, a adaptabilidade, a familiaridade, a convivencialidade. Portanto, refletir em ontológica, deve considerar o “onde” do ser, em suas formas de imanência. Enquanto *Gaea* (Γαῖη) era a expressão *cosmogonia* do habitar, um paradigma advindo do mítico (da Terra em seus aspectos geracionais, como fonte, como mãe), *Oikos* se tornaria a expressão *cosmologia* deste habitar – o que posteriormente, sobretudo em Aristóteles¹⁰, direcionaria à *pólis* a função preferencial de habitar, como lugar circunscrito dos agregamentos humanos, lugar condicionado à crescente especialização da cultura humana - e ao mesmo tempo um crescente distanciamento da Natureza enquanto meio ambiente - onde é possível “comportar” as contingencialidades da Natureza humana, sobretudo sua dimensão de animal (ζῷον).

Em Aristóteles, *oikos*, “lar”, é a unidade básica da cidade-Estado, todavia, subsumida na *pólis*, como lugar ideal¹¹. A “cidade aristotélica” é o lugar da *economia*, isto é, lugar onde a Cultura (παιδεία)¹² e suas *determinações* políticas e sociais já se encontram, de muitas maneiras, independentes da Natureza (Φύσις) e onde são aplicadas para a sua manutenção. Na *pólis*, não mais uma “ecologia” era prioridade, mas, uma *economia* oferecia as condições da sua *normatização* – a *pólis* é Natureza normatizada; esta *economia* é *conditio sine qua non* dos modos de agregação inerentes à *pólis*.

A *economia*¹³ - como uma forma estruturada e especializada de domínio da Natureza e do homem sobre o homem -, vai desembocar no lar (que torna-se um

⁸ A palavra Gaia há sua raiz, provem de γῆ (gê), do dórico γᾶ (gâ) que significa Terra em oposição ao sentido de Pátria (*pater, patrimonium*), cuja expressão latina masculina *pater* não corresponde ao sentido arcaico do termo que poderia ser relacionado às expressões latinas femininas de *mater, matr, matris*, isto é, “Matria”. No entanto essas expressões foram vulgarizadas no seu uso cotidiano, em seu contexto histórico.

⁹ Experiência hermenêutica de compreensão de mundo a partir do mito.

¹⁰ (Po I.,1254b26-35)

¹¹ As áreas urbanas constituíam um local para o comércio e a troca de informações, para especialistas de diversas áreas satisfazerem as necessidades de uma sociedade tecnologicamente mais intensiva e para redefinir a natureza das interações ecológicas sociais [...] à medida que esses sistemas se desenvolviam em tamanho e complexidade, o colapso se tornaria mais comum e oneroso. MORAN, Emilio. E. *Meio Ambiente e Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Senac, 2011, p.26

¹² Há expressões da Paidéia tanto na dimensão econômica de existência, como na dimensão ecológica da vida – o que pode ser visto hoje como expressão dos povos e comunidades tradicionais.

¹³ Segundo Waldman (2013), “*oikonomos* (οἰκονόμος): mantenedor do *oikos*, responsabilidade indissociável da função de chefia, sobre o qual recaía o encargo de prover o grupo sob seu comando.”

dominium), apresentando-se como decorrência da manutenção social da vida pública. Disso, a casa torna-se espaço de convivência e de interações do econômico/ecológico; esse microcosmo de relações socioafetivas, absorve a lógica da cidade como *nomia* a ser adotada; assim, do latim, *domus*, a casa, torna-se espaço de legitimação do poder. Nisso, a *logia da casa* encontrar-se-ia não definida, ou seja, da casa como espaço do contingencial e dos conflitos que antes são racionalizados em linguagem, na vida social, exterior, pública. Talvez, Por causa desta *indefinição*, as cidades “estão, de tal forma, distantes da realidade cotidiana do ambiente que, com grande frequência, provocam alheamento em relação às retroalimentações ambientais”¹⁴.

Destarte, as expressões de gestão socioambiental na *pólis* são aplicadas de modo a que o meio ambiente fosse susceptível às suas demandas econômicas; a *pólis*, como lugar de habitar, vai deixando em segundo plano seu antigo paradigma *ecológico* à medida que aperfeiçoa suas técnicas políticas de gestão social e ambiental do entorno (das funções agrícola, pecuária, de trânsito e de lazer) ao passo que reconhece as dimensões ecológicas como uma presença e fenômeno inerentes ao lar, lugar do privado – na verdade, a transição de *oikos* para *pólis* é transição da *ecologia* para a *economia* enquanto processo de manutenção do habitar humano condicionado às demandas políticas da cidade. De qualquer forma, segundo Sale (2000, p. 03), Patão afirmava que Gaia (*Γαῖα*) “continha em si mesma todas as criaturas vivas”. Portanto, as concepções filosóficas de Sócrates e Platão, por exemplo, a partir da Natureza humana, dialoga com a filosofia da Natureza do mundo dos pré-socráticos. Talvez, seja nesta conexão pouco estudada que residam às possibilidades iniciais de uma Ontologia do Habitar (*Oikéō*) como resgate dos sentidos de *Oikos* para além de lar doméstico em inferioridade à cidade.

A Ontologia da Casa (*οἶκος*) – o sujeito e o lugar

Os sentidos de habitar se definem ao ser habitado¹⁵. Em outras palavras, o lugar de habitar é aquele onde a vida pode estar relativamente bem quanto ao estado e manutenção da existência e, a partir dos sentidos possíveis apreendidos do lugar, a vida

WALDMAN, Maurício. *Repensando a ecologia a partir do oikos*. In. IV Seminário Anapolino de Educação Ambiental - SESC de Anápolis (Goiás), 2013. p. 2

¹⁴ MORAN, Emilio. E. *Meio Ambiente e Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Senac, 2011, p.27

¹⁵ LEFF, Enrique. *Saber Ambiental*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 20013, p. 283

aí se caracteriza. Como foi dito, acreditamos que as possibilidades de uma ontologia são dadas a partir do ser situado no lugar. Acerca destas possibilidades, Thayer (2003) no apresenta uma suscita compreensão da “nova” questão ontológica a partir de uma perspectiva biorregional, a saber:

Em algum lugar no turbilhão da vida, cada um de nós reflete sobre três questões essenciais: “Quem sou eu?” [sic], “Onde estou” e “O que eu deveria fazer” Nós muitas vezes consideramos a primeira pergunta de forma isolada, como se fosse à verdadeira chave para nossa existência - como se a questão de quem somos poderia ser resolvida de forma independente das duas questões restantes. Mas, todas as três questões destas perguntas devem ser respondidas conjugadas, visto que juntas, elas articulam a totalidade da condição humana. [...] As questões da nossa existência e das nossas ações não são separáveis, nem do outro [das pessoas ao nosso redor], nem de lugar - mas é justamente o *lugar* que temos ignorado na maioria das vezes. (THAYER, 2003, p. 1).

Parece-nos que as discussões em ontologia têm deixado passar ao largo a questão do *lugar*. Partindo de um conceito fenomenológico e geográfico, o lugar de habitar é, antes de tudo, a *plataforma* do ser, a partir da qual este transcende; é o sustentáculo do ser, no que diz respeito ao locacional, ao situacional, ao extensivo, entre outros. Dito isso, não apenas como um *tópos* pode ser posta à questão ontológica do lugar. E este *tópos*, na perspectiva de *casa* (*οἶκος*), em sua variedade de escalas - por exemplo, de lar, de comunidade, de meio ambiente, de mundo -, se oferece como uma variedade de dimensões existenciais, portanto, de possibilidades e condições ontológicas levantadas segundo certas representações¹⁶. Segundo Leff (2013), “o *habitat* é considerado como o território que fixa ou assenta uma comunidade de seres vivos e uma população humana, impondo suas determinações físicas e ecológicas ao ato de habitar” (*Ibid*, p. 282-283), dentro dessa perspectiva de “imposição ambiental”, não haveria determinismo fechado, visto que ocorrem similaridades com o *possibilismo ambiental* definido por Kormond & Brown, (2002, p. 46). Aqui, o determinismo representado pela passividade humana ante a Natureza não corresponderia à realidade das interações homem/meio ambiente definida por Moran (2010 e 2011). Interação é sempre, em alguma medida, uma correlação de forças, influência mútua, transformação recíproca. É preciso *reconsiderar* o conceito de “interação” no âmbito da ontologia, como uma temática própria da ontologia.

¹⁶ Do meio ambiente com aspecto condicionante sobre os seres humanos e vice-versa, e ainda de um possibilismo – o que seria, por assim dizer, um meio termo.

Na visão do determinismo ambiental de Kroeber (1939), o fator limitador das possibilidades de expressão é ação humanas em cultura. Por outro lado, o conceito de adaptabilidade de Moran (2010), apresenta maior complexidade e autonomia das interações humanas no meio ambiente. Dos fatores e resultados de uma adaptabilidade razoavelmente bem sucedida, teríamos dois conceitos positivos, a saber, o da topofilia (TUAN, 2012) e o da convivência com o entorno (MARQUES, 2013, 2014; SILVA, 2014). Deste modo, onde a cultura é mais sustentável em relação ao ambiente – não quanto à sua independência deste, mas às suas interações com este – o lugar de habitar melhor se define como topofilia. As próprias interações, quando bem sucedidas acentuam as impressões *topofílicas*, que por sua vez, favorecem as interações.

Com efeito, o lugar de habitar é aquele onde as vidas experienciam um estado de topofilia profunda. Um *lugar de não habitar* apresenta condições antiecológicas e topofóbicas de sobrevivência. Para Tuan (2013), o lugar é segurança, localidade familiar, e ainda, o lugar é significado como lar, conquanto, não habitar o lugar, não vivenciar o lar é uma contradição que se efetiva ainda na contemporaneidade¹⁷. As interações dos sujeitos com eles mesmos e com o lugar de habitar não são objetos de investigação apenas das ciências tradicionais, como a sociologia, a antropologia, a filosofia, a etnologia, entre outras; se faz necessário compreendê-las de diversas perspectivas explicativas transdisciplinares. Desde então, as interações dos sujeitos com eles mesmos e com o lugar de habitar são postas sob análise no tubo de ensaio da dicotomia, do antagonismo e por fim, são interpretadas e explicadas de modo binário.

De uma perspectiva mais “sociológica”, a ontologia do habitar nos ajudaria a compreender os lugares subjetivos e objetivos dos sujeitos e suas interações socioafetivas em interdependência com seu *lugar*, a partir daquilo que este significa para eles. Os lugares da subjetividade, (tais como a cultura, as artes, a memória, a história), e os lugares objetivos, isto é suas produções materiais situadas, fundam sua individualidade e coletividade a partir das quais eles afirmam e exercem com autonomia – esta última identidade é a marca mais característica do lugar cultural de habitar. Em outras palavras, a ontologia do habitar diz respeito aos lugares de convivência onde os sujeitos compreendem-se implicados e situados, onde mantém, desenvolvem e reconhecem-se a partir do copertencimento, sob uma forte consciência de autonomia e de protagonismo

¹⁷ As “heterotopias” em Michel Foucault; os “não-lugares” em Marc Augé; a “identidade cultural” na pós-modernidade, em Stuart Hall.

em sua dimensão cultural, social, política e econômica comprovada em sua *práxis* cotidiana¹⁸. E ainda, num sentido amplo de comunidade como fator identitário, o habitar como sentido de si aponta para os espaços imateriais, ao *lugares subjetivos* de significação, imagéticos, discursivos, memoriais e narrativos, que dialogam com os sentidos, discursos e representações característico de uma comunidade onde constroem suas condições e possibilidades de copertencimento.

Dito isso, a respeito da *ontologia da casa* e dos matizes do conceito de *oikos*, Waldman (2013, p. 2) nos apresenta alguns aspectos linguísticos que certamente, no percurso dos séculos, se tornaram representações orientadoras dos nossos de pensar, ver e agir ecológicos:

Oikeiōw (οἰκειόω): conciliar-se, estar familiarizado; *oikeiōsis* (οἰκειώσις): senso de pertencimento, orientação, familiarização, afinidade ou apropriação;

Oikouménē (οἰκουμένη), forma conjugada do particípio do verbo *oikéō*: habitar): espaço habitado, mundo conhecido e/ou civilizado, apenso originalmente circunscrito ao universo greco-romano;

Oikodespotēs (οἰκοδεσπότης): referindo-se à atuação do senhor do *oikos* enquanto mandatário político;

Oikonomos (οἰκονόμος): mantenedor do *oikos*, responsabilidade indissociável da função de chefia, sobre o qual recaía o encargo de prover o grupo sob seu comando;

Finalmente, palavra intimamente relacionada com as anteriores, tem-se *oikonomia* (οικονομία, derivandode *οἰκονόμος*), ordem da casa, gerenciamento do espaço de vida, qual seja, a economia.

No Ocidente, os matizes da expressão *oikos* (οἶκος) tornaram-se com o tempo, conceitos basilares para refletir o mundo, bem como categorias analíticas que organizam nossas representações, nossos discursos e nossas ações. Até aqui, as escolas majoritárias de representação teórica do real (com seus discursos e suas hermenêuticas) produziram, por assim dizer, as condições ontológicas das nossas interações com a Natureza, tendo

¹⁸ Há por exemplo, séria situações políticas que visam determinar interesses equidistantes aos dos antigos habitantes das comunidades tradicionais, degradando o potencial de existência dessas comunidades, como as "a situações sociais de conflito privilegiando ocorrências de usurpação dos territórios quilombolas seja por interesses atrelados à expansão dos agronegócios, seja por projetos oficiais, tais como bases militares (Alcântara, Marambaia, Forte Príncipe da Beira) e barragens nos rios Madeira e Tocantins em Santana do Mundaú-AL; seja por empresas mineradoras (Jambuaçu), petrolíferas (Rosário), empreendimentos turísticos e resorts (Sibaúma), indústrias de papel e celulose (Linhação, São Cristóvão, São Somingos e demais comunidades de Sapé do Norte-ES, Nova Viçosa-BA e agropecuárias (Parateca-BA, Estiva dos Mafra-MA, Serrano-MA) ou tensões a partir da sobreposição de terras das comunidades remanescentes de quilombos com unidades de conservação (Tambor-AM, Curiaú-AP, Rio Trombetas-PA, São Roque –SC)". ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, (Orgs)... [et al]. Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições, 2010. p. 12

como primado das interações, o *habitar*. Como habitar e entender este encontro para além das formas de exploração/dominação científicas e metodologias da Modernidade¹⁹?

O habitar se define ao ser habitado²⁰

Todo habitar, se satisfatoriamente habitável, visa realizar o desejo de permanência e da conservação das condições de permanência; de qualquer modo, o habitar é *espacialidade em aberto*, não acabado: estando em um lugar, é possível buscar compreendê-lo e apreendê-lo em extensão e em profundidade localizada; tal compreensão tem um fundamento hermenêutico (interpretação, discurso e representação) cujo marco interpretativo pode ser a afetividade, o respeito, a empatia. Por isso mesmo, *lugar é possibilidade* de aperfeiçoamento das condições de conservação de si, do outro e do lugar resultante da cultura e do meio ambiente considerado lugar. O alcance de sua compreensão, em limites e possibilidades, corrobora para a permanência satisfatória da condição de *habitabilidade*. Deste ponto de vista, urge ampliar a compreensão ontológica do habitar em face da Natureza (DA SILVA, 2014a). A *habitabilidade* é o habitar satisfatoriamente e com respeito. *Habitabilidade* é a dimensão ontológica da compreensão do ser a partir de um lugar. *Habitabilidade* é a dimensão ôntica, isto é concreta do ser-situado.

De um ponto de vista cognitivo, a exemplo de conhecimento clarificado através da linguagem humana, a conservação da nossa existência apresenta, por assim dizer, três dimensões ontológicas características: a) uma concepção de existência situada no *tópos* da Natureza; b) uma constituição de existência adaptativa efetivada no *lugar* constituído e constituinte (resultante do referencial cultural); c) o próprio referencial cultural complexo que visa explicar e interpretar as duas dimensões anteriores e, um aspecto positivo da “coevolução da cultura com seu meio”. (LEFF, 2013, p. 283). Para se ter uma ideia do problema, segundo Saramago (2008) a importância e a complexidade desse

¹⁹ Das análises dos sentidos do *habitar* (*Oikéw*) do estudo do ser enquanto ser, reconheceu-se que as concepções da Ontologia, a partir da Modernidade, se distanciavam da Metafísica tradicional, a começar do momento em que a primeira esteve situada num “*tópos* existencial” em uma extensividade ao infinito: o estudo categórico e analítico do ser insta sua existência situada num *lócus* para que tenhamos as mínimas possibilidades ontológicas da “compreensão como respeito” à Natureza infinita dada pelas representações como possibilidade de vida e não como infinita em oferta de recursos. A Metafísica tradicional, de Aristóteles à Filosofia Medieval, postula a Natureza no âmbito de mundo fechado do humano, de lugar em condições ontológicas circunscritivas.

²⁰LEFF, Enrique. *Saber Ambiental*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 20013, p. 283.

conceito devem-se principalmente ao fato da unidade indissolúvel entre mundo e o *Dasein*²¹. (*Ibid*, p. 42.), isto é, o “ser-aí”, o “ser-situado” em algum lugar não pode ser fora do lugar, visto que “estar fora” é *estar-na-vacuidade*²². Dessa ontologia do habitar, por exemplo, apenas na perspectiva humana, Maturana & Yáñez, (2009), observam que a conservação do viver é o fundamento de todo o possível nos seres vivos, e a conservação de um modo particular de habitar do ser vivo como organismo no suceder de gerações, pois, constitui e realiza a identidade deste viver como uma classe particular de existência (p.20). A consciência do habitar a Terra é a condição pela qual se poderá refletir uma ontologia que demonstre o ser e a própria questão heideggeriana do ser (HIDEGGER, 2006/2012, § 2, p.15; §3; §5, p.15, p.16a;) a partir de um ponto inicial: o lugar primordial do *ser-no-mundo*.

Espaço Construído

A vontade de conviver se efetiva no tempo e no espaço²³ e, por estes dois, pode ser representada. Sua caracterização no tempo parte das atividades cotidianas, *hi et nunc*, que se aperfeiçoam na memória coletiva e individual, sendo a primeira a preponderante (HALBWACHS, 2003, p. 30). Assim, o conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do presente e do futuro que se almeja. Seja qual for à escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente (p. 7), com a memória coletiva e com o presente coletivo em tempo e espaço específicos. Todavia, é a memória coletiva do habitar que, a partir de nós mesmo, propicia ao lugar uma supramaterialidade, uma transcendência para além da sua extensão: o *lugar* se torna cultura partilhada, torna-se pura linguagem; torna-se a representação do ser e fundamento ontológico para o reconhecimento do ser. O lugar é o rearranjo da Natureza em Lar, a partir da vontade do ser como desejo de um modo de próprio de habitar – e o próprio habitar perfaz nosso ser, rearranja nosso ser, determina nosso estado e situação de ser.

²¹ O significado aproximado de *Dasein* em língua portuguesa, segundo a tradição é, *ser-aí* (dentro do mundo), *ser com* (o mundo, indissociavelmente) e *existência* situada.

²² Mesmo o vácuo do espaço além do nosso planeta, quando em órbita, o ser humano sabe-se situado a partir da Terra. Outro exemplo: o de estar em Marte é reconhecer-se a partir da Terra, como longe da Terra, como estando em Marte em relação ao planeta Terra.

²³ Em respeito ao conceito de espaço urbano em geografia, não fazemos distinções entre este em face do conceito de *lugar*. Em si e de forma auto-explicativa, a expressão espaço urbano sintetiza os sentidos de lugar de habitar na medida em que as pessoas se reconhecem neles como pertencentes, pelas interações identitárias e de “posse” do espaço urbano, seja essa posse de sentido objetivou ou imagético.

Na perspectiva do *espaço da vontade*, temos o *lugar de habitar* como sua efetivação, ao mesmo tempo subjetiva e objetiva, materializada na vida cotidiana enquanto possibilidade de “estado” e de “situação” *em aberto*, isto é, de ser e estar. O ambiente construído, nada mais é do que a concretização desse espaço existencial (HIRATA, 2010, p. 22), de “estado” e de “situação”, agora reconhecidamente compartilhado e afirmado no lugar de pertencimentos, “como um instrumento de análise para a alma humana” (BACHELARD, 1993, p. 20). Logo, talvez a maior realização desta vontade e de toda força aplicada à sua concretização seja os espaços urbanos²⁴, desde a Grécia antiga, mesmo diante dos seus equívocos históricos. Isso corresponderia ao que Correa (1989, p. 11) conceitua como:

[...] um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas.

Estes processos acentuaram-se, como se sabe, na Modernidade. Toda energia aplicada pelo sujeito em face do habitar é realizada em vista de tornar o espaço *mais* habitável – esta *habitabilidade* subjetiva/objetiva tem suas consequências sobre os indivíduos, sobre o próprio lugar e sobre o meio ambiente. Sua aproximação, isto é, instar ao desejo de habitável é da subjetividade de cada habitante, tendo como resultante um lugar coletivo significado por intersubjetividade e certo consenso racional²⁵: os modos de habitar são determinados culturalmente. Portanto o espaço construído como expressão de uma Natureza mais aceitável, de uma natureza urbana, advinda de representações historicamente situadas, muitas vezes antagônicas é, pois, uma tentativa, por vezes bem sucedida, de *conter* fora dos seus muros, de *controlar* através das ordenações visuais presentes nas “formas quadrada”s da cidade e de seus objetos constituintes, de *regular* por meio de aberturas quadradas, de tetos regulares e de grades de ferro, o

²⁴ Vale lembrar que para Moran, a cidade é também um espaço de alheamento em face do meio ambiente, isso porque essas “áreas urbanas têm muitas camadas de informações entre o ambiente os gestores que tomam decisões”. MORAN, Emilio. E. *Meio Ambiente e Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Senac, 2011, p.27

²⁵ “Denominamos racional uma pessoa que interpreta sua natureza elementar à luz de padrões valorativos culturalmente apreendidos; mas, muito mais quando ela é capaz de assumir uma postura reflexiva diante dos próprios padrões valorativos [...]” HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (p. 52).

indesejável, a *phísis* (*Φύσις*), isto é, a Natureza em sua indiferenciação dos indivíduos (*Natura non contristatur*).

Constituir-se no *Habitat* Natural

Constituir-se é, por assim dizer, o cultivo do ser no lugar num processo heurístico de autorreconhecimento, e vontade extensiva de conhecer. Das *terrae incognitae* que nos lembra Wright (2014), despertando-nos para um mundo nunca visto, mas que no fundo é um ensaio para aquilo que queremos projetar como lugar ideal de habitar – o fundamento epistemológico desta intencionalidade - *Weltanschauung* acerca do habitar -, determinará a direção rumo ao lugar ideal sobre o *tópos* desconhecido. Essa *terrae incognitae*, extensiva na Natureza, representaria a dimensão da alteridade, daquilo que é *outro* e que buscamos compreender. Todavia, compreender, partindo do fundamento epistemológico desta intencionalidade de compreensão, não é mais cabível pela repetição do “espírito iluminista”, do sonho prometico da ciência²⁶ como técnica e dominação da Natureza – compreensão não se dá por dominação; se fundamenta no *lógos*, no aspecto da razão não instrumental como a economia; o compreender tem seu fundamento ontológico na ecologia: nos propósitos cognitivos de compreensão da “Casa”, da Natureza como representação de Lar. Em busca de referências, e no jogo de similitudes do ser-estar-habitar, os sujeitos vão esquadrihar a memória e exercitar a imaginação à cata de um novo ou antigo *tópos*. Calvino (2011) descreve bem estes processos de reconstituição e reconhecimento do lugar de habitar em *terrae cognitae*:

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre a medida de seu espaço e os acontecimentos do passado (*Ibid*, 2011, p. 14).

Tendo este exemplo muito significativo, percebemos que a imaginação não apenas se projeta nas *terrae incognitae* e sugere rotas para seguirmos, mas também trabalha sobre as coisas que descobrimos e cria concepções imaginativas que buscamos dividir com os outros (WRIGHT, 2014, p. 7). Em seguida, e na prática, a compreensão

²⁶ O saber instrumental e metódico como dominação da Natureza pelo homem, e fundamento salvacionista - diante do espaço contingencial e ameaçador, exterior à cultura - é definido caracteristicamente em Argumento iluminista, no *Novum Organum*, de Francis Bacon.

destes lugares que transitam o real e o imagético, o *idêntico* e o distinto é referenciação ontológica do lugar e dos espaços do ser-que-habita; os lugares de transito se tornam referenciais de espaços desejáveis no âmbito da realidade. Por exemplo, num outro exercício de heurística, mais *fenomênico*, é através da pesquisa geográfica que procuramos converter as *terrae incognitae* da ciência em *terrae cognitae* da ciência. (WRIGHT, 2014, p. 7); do mesmo modo que a memória converte às terras desconhecidas em lugar de familiaridades, por comparação, pela roupagem dos sonhos e das reminiscências aos espaços outrora indiferenciados (TUAN, 2013) – valorizar a imaginação acerca da Natureza, e um pouco menos, a sua função imediata “de subsistência” é o caminho compreensivo através do qual o ser constitui-se.

São a partir destas “desconstruições” que o ser humano deve buscar alternativas aos modos de conhecer para além do paradigma colonizador/explorador. O *lugar* apresenta suas possibilidades de *habitar*, também para os outros, pois, nunca estamos do “lado de fora”, mas somos “parte”, assim como o outro. Acerca do *outro* como Natureza, Wilson (2008) afirmava que “a humanidade evoluiu dentro da comunidade dos seres vivos e nossas funções corporais estão perfeitamente ajustadas a este meio ambiente idiossincrático já criado”. (p. 373). É aí que o *ser* se reconhece como autoconceituação de existência; o seu “estar-no-mundo”, o ser-aí, é autoconceituação de existência num lugar compreendido e reconhecido; e o seu “status de habitar” torna-se autoconceituação de existência num lugar de pertença, constituído pelo ser e estar na Natureza.

Considerações finais

A habitar pode ser expresso como um conjunto de prática, afirmações, hábitos (*ethos*), modos próprios de ser, estar, dizer, agir e pensar de uma comunidade implicada ao seu *lugar*. É, com efeito, a constituição existenciária ecológica das identidades e copertenças em face das condições e interdependências com o *lugar de habitar*²⁷, em toda a sua complexidade, visto que “a humanidade co-evoluiu com todo resto da vida *neste* planeta” (WILSON, 2008, p. 373).

²⁷ O *lugar de habitar* parece expressão redundante, tautológica, no entanto, presentemente entendemos que o lugar pode ser tomado por forças que acentuam o desabitar. Todavia, o lugar não é plenamente habitável, visto haver forças contrárias à sua função, em parte idealizada, “a função de habitar”. O caso de comunidades atingidas por barragem é um exemplo clássicos de forças de contrárias à habitabilidade de um lugar.

A começar do momento em que a Ontologia é situada num *tópos existencial*, o estudo categórico e analítico do ser insta sua existência situada em um lugar, para que tenhamos as mínimas possibilidades ontológicas do ser, principalmente de colocar a questão acerca do ser. O *lugar de habitar* é a plataforma do ser como fundamento a partir de onde a Linguagem que nos representa se dá enquanto as condições e possibilidades de refletir o ser, o estar e o habitar. Corresponde ao *tópos*, em sua expressão concreta e situada, bem como é manifesto através de uma variedade de sentidos, em que se constitui a cultura – condição ontológica de autocompreensão e concepção da locacionalidade de si. O lugar de habitar, na perspectiva de *casa* (*οἶκος*) – em sua multiplicidade de escalas, por exemplo, de lar, de comunidade, de mundo –, oferece uma variedade de dimensões existenciais – ao menos três são necessárias aqui: SER, ESTAR e HABITAR. No caso da questão do *Ser*, conceituamos tal qual a autoconceituação de existência (*ek-sistência*) como resposta primeira à questão; o *Estar* diz respeito à autoconceituação de existência num lugar, é a localidade em geral do *ser* – *localidade abstrata ou concretamente situada*; a questão do *Habitar*, por sua vez, diz respeito à autoconceituação de existência num lugar de pertença, constituído pelo ser e a conceituação do lugar pelo ser.

Ontology Of Dwelling

Abstract: We are analyzing some sense of dwelling (*Οικέω*) from the Ontology. Within the possibilities range of an article, we are presenting here some thoughts on the way home (*οἶκος*). From brief presentation of the ontological matrices of nature, respectively the logos of the Philosophical Tradition, developed here as interpretations of the meaning of place to dwell.

Keywords: Human Ecology. Place Hermeneutics. Ontology of Dwelling.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, (Orgs)... [et al]. *Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições, 2010.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Editora Vega, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. (Trad. de Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BLANC, M. *Introdução à Ontologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.

BRUN, Jean. *Os Pré-Socráticos*. (Trad. De Armindo Rodrigues) Lisboa: Edições 70, 2002

BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. (Trad. de Vera Ribeiro) Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2006

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. (Trad. Diogo Mainardi) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHRISTENSEN, Carleton B. Human Ecology as Philosophy. *Human Ecology Review*, v. 20, n. 1, p. 31-49, 2014.

ELLIOTT, Lorraine. *The Global Politics of the Environment*. Second Edition. Palgrave Macmillan: New York. 2004

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: Natureza da realidade geográfica*. (Trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011

DA SILVA, Wellington Amâncio. *Representations of Nature in Human Culture*. American Journal of Human Ecology, v. 3, n. 1, p. 9-20, 2014a. DOI: 10.11634/216796221403506.

_____. Aspectos da existência situada em Heidegger. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, v. 3, n. 1, 2014b, p. 73-78..

DA SILVA, Wellington Amâncio, *O Sertão e seus sujeitos constituintes na Contemporaneidade*. (Comunicação/artigo) In. 1º Encontro Nacional de História do Sertão. Delmiro Gouveia, UFAL – Campus Sertão 2014a

_____. A Intersubjetividade dos Processos Docentes - Análise do Discurso e teoria das Representações Sociais. In. *Revista Ouricuri*. Vol. 4, n. 1. mar./abr. 2014, p. 3. Disponível em <<https://sites.google.com/a/nectas.org/revistaouricuri/>> Acesso em 10 de abril de 2014b.

GODOI, Emília Pietrafesa de. Territorialidade. In. SANSONE, Livio & FURTADO, Cláudio Alves (org.). *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. EDUFBA, Salvador, 2014

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. (Trad. de Beatriz. Sidou) São Paulo: Centauro Editora, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. (Trad. revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis, Bragança Paulista: Vozes, Universidade São Francisco, 2006.

_____. *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Edição Bilingue. Editora Vozes, 2012.

HIRATA, Elaine Farias Veloso. Monumentalidade e Representações do Poder Tirânico no Ocidente Grego. In, CORNELLI, Gabriele (Org.). *Representações da Cidade Antiga categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

KORMONDY, Edward J. & BROWN, Daniel. E. *Ecologia Humana*. (Trad. Max Blum). São Paulo: Ed. Atheneu, 2002.

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. 10. ed. (Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth). Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAN, Emilio F. *Meio Ambiente e Ciências Sociais*. (Trad. Carlos Szlak). São Paulo: Editora Senac, 2011

PIDNER, Flora. *Diálogos entre Ciência e Saberes Locais: dificuldades e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. (Trad. de Antônio Cavalcante Maia) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

RIOJAS, Javier. A Complexidade Ambiental na Universidade. In: LEFF, Enrique. *A Complexidade Ambiental*. 2. ed. (Trad. Eliete Wolff) São Paulo: Cortez, 2010.

SALE, Kilpatrick. *Dwellers in the Land*. Athens: The University of Georgia Press, 2000

SARAMAGO, Ligia. *Topologia do Ser – Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. São Paulo: Ed. PUC, 2008

SCHUTZ, Alfred. *On Multiple Realities*. *International Phenomenological Society*. In: *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 5, No. 4 (Jun., 1945), pp. 533-576.

_____. *Sobre Fenomenologia e Relações Sociais*. (Trad. de Raquel Weiss). Petrópolis: Vozes, 2012

SPINELLI, Miguel. *Questões Fundamentais da Filosofia Grega*. São Paulo: Loyola, 2006

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar – a perspectiva da experiência*. (Trad. de Lívia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2013

_____. *Topofilia – Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente*. (Trad. de e Lívia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012

WALDMAN, Maurício. *Repensando a ecologia a partir do oikos*. In. IV Seminário Anapolino de Educação Ambiental - SESC de Anápolis (Goiás), 2013. p. 2

WILSON, Edward O. *Diversidade da Vida*. (Trad. de Carlos Afonso Malferrari). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WRIGHT, John K.. *Terrae Incognitae: the place of the imagination in Geography*. *Revista Geograficidade - Grupo de Pesquisa Geografia Cultural Humanista*. V.4, n.2, 2014 (p. 4-18).

SOBRE OS AUTORES

WELLINGTON AMÂNCIO DA SILVA - mestre em ecologia humana e gestão socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia (2016); professor substituto da Universidade Federal de Alagoas;

FELICIANO JOSÉ BORRALHO DE MIRA - doutor em Sociologia Económica e das Organizações pelo Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal (2005); professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia.

Recebido para publicação em setembro de 2016

Aceito para publicação em dezembro de 2016